A CONSTRUÇÃO DA REVOLTA: AS REPRESENTAÇÕES DA REVOLUÇÃO DE 1930 NA REVISTA DO GLOBO (1929-1932)

Eduardo Barreto de Araújo[*]
Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)

RESUMO

Este artigo apresenta um estudo sobre a Revolução de 1930 e principalmente a forma como foi representada e trazida ao público leitor nas páginas do periódico “Revista do Globo”, entre os anos de 1929 até 1932. Analisa também de que maneira foi construída e como houve a representação da imagem de Getúlio Vargas como político regional e líder máximo deste movimento nas páginas do periódico. Também apresenta uma breve contextualização do cenário político nacional e gaúcho nos momentos que antecederam a disputa eleitoral de 1930 para a presidência da República, bem como analisa as alianças políticas que foram realizadas no Rio Grande do Sul.

Palavras-chave: Representação, imagem, Revista do Globo, Getúlio Vargas, Revolução de 1930.

ABSTRACT

This article presents a study of the 1930 Revolution and especially the way it was represented and brought the reading public in the pages of the periodical "Revista do Globo", between the years 1929 to 1932. It also examines how it was built and how was the representation of the image of Getúlio Vargas as regional political and maximum leader of this movement in the pages of the periodical. It also presents a brief background of the national political scene and gaucho in the moments leading up to the 1930 election contest for the presidency, as well as analyzes the political alliances that were held in Rio Grande do Sul.

Keywords: Representation, image, Revista do Globo, Getúlio Vargas, Revolution of the 1930.

[*] Graduado em História - Licenciatura Plena pela Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC) Mestrando em História no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) Bolsista FAPERGS / Linha de pesquisa: Integração Política e Fronteira. Professor de História no Colégio Estadual Professor Luiz Dourado e na Escola Estadual de Ensino Fundamental Nossa Senhora de Fátima, no município de Santa Cruz do Sul/RS.

Representação e imaginário social

Busca-se através das páginas da Revista do Globo, especialmente através daquelas que noticiam os antecedentes e os acontecimentos posteriores à Revolução de 30, demonstrar como a figura de Getúlio Vargas encontrou um espaço onde pôde ser difundida e apresentada a um público leitor específico, o sul-rio-grandense, e de que maneira foram utilizados discursos e imagens ligando Vargas ao mítico gaúcho, detentor de valores específicos e encontrados na figura deste político que seria mitificado ao longo dos anos.

Para analisarmos os processos de construção desta possível identidade coletiva divulgada e difundida por diversos intelectuais, através das páginas do periódico, e dos discursos que permeiam e sustentam os acontecimentos que antecedem e os que viriam após a Revolução de 30, irá ser utilizado o conceito de representação através das ideias articuladas de Chartier, que nos diz que

> Este retorno a Marcel Mauss e Emile Durkheim e à noção de “representação coletiva" autoriza a articular, sem dúvida melhor que o conceito de mentalidade, três modalidades de relação com o mundo social: de início, o trabalho de classificação e de recorte que produz configurações intelectuais múltiplas pelas quais a realidade é contraditoriamente construída pelos diferentes grupos que compõem uma sociedade; em seguida, as práticas que visam a fazer reconhecer uma identidade social, a exibir uma maneira própria de ser no mundo, a significar simbolicamente um estatuto e uma posição; enfim, as formas institucionalizadas e objetivadas em virtude das quais "representantes" (instâncias coletivas ou indivíduos singulares) marcam de modo visível e perpétuo a existência do grupo, da comunidade ou da classe. (CHARTIER, 1991, p. 11)

Sustentando assim a importância dos estudos de representação para a produção historiográfica, e as representações sociais coletivas como fonte de pesquisa para historiadores. Há, contudo certa crítica na utilização deste método como sendo abstrato demais no tratamento de suas “fontes” de consulta, e que a demasiada subjetividade traria problemas para análise dos resultados obtidos, para isso citamos Remedi, que nos indica que

> A ideia de representação relativiza, não só para a história como para outras tantas disciplinas que se organizaram na ânsia do cientificismo do século XIX, os seus próprios objetos de estudo, e elimina de vez tanto a suposta neutralidade de um observador distante como a possibilidade de se encontrar uma versão única para acontecimentos do passado ou do presente. (REMEDI, 2010, p. 34)

Ainda em Remedi podemos encontrar mais uma explicação do conceito de

representação social, e sua utilização como ferramenta de análise para o historiador na busca do resultado de seus questionamentos acerca de um determinado assunto, onde o autor diz

> Especificando melhor a operacionalidade do conceito de representação, Chartier observa que ele permite designar e ligar três realidades maiores: primeiro, as representações coletivas que incorporam nos indivíduos as divisões do mundo social e estruturam os esquemas de percepção e de apreciação a partir dos quais esses classificam, julgam e agem; segundo, as formas de exibição do ser social ou do poder político tais como as revelam signos e performances simbólicas através da imagem, do rito; por último, a "presentificação" em um representante (individual ou coletivo, concreto ou abstrato) de uma identidade ou de um poder, dotado assim de continuidade e estabilidade. A utilização desses três conceitos permite que os trabalhos históricos se dediquem a períodos em que as sociedades passam a utilizar cada vez com maior freqüência lutas que tem por objeto as representações, ao invés de batalhas e confrontações diretas. (REMEDI, 2010, p. 35 e 36)

As representações construídas nas páginas da Revista do Globo indicam que o grupo dirigente do cenário político e social sul-rio-grandense representou e deixou-se representar através deste meio de comunicação, por ser um periódico de grande alcance, o mesmo torna-se um dos meios de propagação, divulgação e acaba assim de certa maneira contribuindo para a criação de um espaço privilegiado para a veiculação desta identidade coletiva em torno da ideia do gauchismo e da figura de líder de Getúlio Vargas, este agora reunindo segundo as páginas do periódico, todas as qualidades dos heróis gaúchos do passado, como se fosse a personificação da Frente Única gaúcha, a personificação de figuras históricas dos republicanos e dos federalistas que outrora se digladiaram no estado do Rio Grande do Sul.

Então o leitor que entrará em contato com as páginas do periódico tem ao seu alcance todo o material necessário para fazer parte da "União Sagrada" da qual fala o periódico em muitas oportunidades. Este mesmo leitor pode fazer parte deste mundo novo que se constitui no Rio Grande do Sul, a partir da Frente Única, e, dos novos tempos que cavalgam lado a lado com os ideais de bravura e coragem do povo gaúcho, único, diferenciado, e, agora representado pela figura dos políticos envolvidos na Frente Única, na Aliança Liberal, e, principalmente aglutinados em torno da figura do líder carismático Getúlio Vargas.

E esse processo de construção da identidade social é extremamente importante, pois encontra-se nos mais diversos processos de civilização humana, onde cada sociedade produz sua própria historia e constrói sua própria representação social, coletiva, onde o imaginário social tem origem e sustenta-se através das práticas culturais ao longo do tempo.

Torna-se assim mais do que importante, torna-se fundamental o estudo de como a

sociedade gaúcha do início do século XX, século este que de forma nunca antes vista foi o precursor dos meios de afirmação coletiva social, onde o estudo das representações e seus discursos de constituição do imaginário social coletivo tornam-se fonte de pesquisa para os historiadores da nova história cultural, afim de entendermos como elementos ditos hoje como "naturais" formam-se através do tempo e onde iniciam-se estes discursos que legitimam e os representam perante o conjunto social em que estão inseridos, com papel político ou não, mas importantes na construção de identidades coletivas, levando assim ao estudo nas páginas da Revista do Globo das representações acerca dos episódios que envolvem a Revolução de 30 e a figura dos líderes do movimento, com destaque para Getúlio Vargas e a construção de sua figura mítica, o nascimento político do "pai dos pobres".

Breve contextualização do cenário político nacional de 1930

A deposição do então presidente em exercício Washington Luís, por uma coalizão de forças políticas lideradas pelos estados do Rio Grande do Sul, Minas Gerais e Paraíba iria por um fim no sistema político então vigente, pelo menos ao nível dos discursos proferidos por aqueles que inflamavam a população nos estados citados, ou seja, Vargas, Antonio Carlos e João Pessoa e todos os demais políticos que fizeram o episódio de 3 de outubro figurar na história nacional como a Revolução de 30. O sistema político no qual seus ataques concentravam-se ficou conhecido como a chamada política do café-com-leite, onde os estados de Minas Gerais e São Paulo revezavam-se na presidência da jovem república brasileira.

Vale recordar que, a não indicação de Antonio Carlos para a sucessão de Washington Luís seria um dos catalisadores para o apoio dado à candidatura de Vargas e Pessoa, já que São Paulo quebrara a escrita tradicional ao indicar Júlio Prestes para o lugar de Washington Luís, dando uma continuidade paulista a presidência, algo que desagradou profundamente as elites mineiras, a ponto de romperem politicamente com São Paulo.

O sistema que vigorou na República Velha, conhecido como café-com-leite além de revezar na presidência política mineiros e paulista como já foi dito, também visava aumentar o controle nos estados que participavam dos arranjos políticos, os chamados "coronéis" eram figuras importantes e davam sustentação aos governadores em exercício através do controle do voto da população majoritariamente rural, controlavam os chamados "currais eleitorais", alterando votações e manipulando em nível regional as eleições, contribuindo assim para a

manutenção deste sistema e a propagação das fraudes, tornando comum estas práticas.

Os arranjos políticos e a manipulação eleitoral eram normativos e elementos estruturantes da política nacional, após indicarem um candidato à presidência da República, as máquinas eleitorais entravam em atuação garantindo que o arranjo político se fizesse valer, dando a vitória para o candidato apoiado pelas já citadas oligarquias dirigentes do cenário nacional, Skidmore nos explica este sistema de forma que

> Uma vez acertada a indicação, contudo, isso já equivalia à eleição, de vez que os governos estaduais tinham poder para dirigir as eleições e não hesitavam em manipular os resultados para enquadrá-los nos seus arranjos pré-eleitorais. Com o apoio dos líderes políticos de um número de Estados suficiente para assegurar a maioria eleitoral, o candidato indicado, amparado pelo regime vigente, temia muito pouco a derrota. (SKIDMORE, 1976, p. 21-22)

Porém como já fora citado anteriormente nas eleições para a sucessão do então presidente em exercício Washington Luís, marcadas para março de 1930, foi prepara uma candidatura de oposição, encabeçada por Getúlio Vargas para presidente e João Pessoa como vice. Colocando os chamados “currais eleitorais” a seu favor o presidente em exercício Washington Luís conseguiu garantir que o seu candidato saísse vitorioso. Até ai nada de mais, o sistema político que gerenciava o ambiente nacional previa que os perdedores apoiassem o candidato vitorioso e mantivessem o “acordo” tradicional, mantendo assim tudo no seu devido lugar. Mas as eleições de março de 1930 guardavam uma surpresa, e as alianças perdedoras não se mantiveram no arranjo e demonstraram que desta vez algo mudaria, determinando assim o fim da então República Velha.

Outro motivo, apontado na literatura sobre o tema, é o fato de que quando os ânimos da chamada “Aliança Liberal” encontravam-se mais calmos e a ponto de encerrarem as agitações políticas e os discursos quando o assassinato de João Pessoa na Paraíba seria o catalisador do chamado “Movimento Renovador”, levando os estados envolvidos e que encabeçavam a Aliança a lançarem-se contra o governo nacional, num movimento apoiado por militares dissidentes, em sua maioria oficiais, e dentro deste grupo muitos tenentes descontentes com a condução política realizada por Washington Luís. Juntamente com setores revoltosos do exército nacional e militarmente apoiados pelas Brigadas Militares estaduais os políticos da Aliança Liberal realizam a revolta e consumam a revolução[1] prometida, que agora

[1] Leve-se em conta que o termo “Revolução” é utilizado numa acepção historiográfica, onde Sosa aponta que “aqui o termo Revolução é utilizado em função do que ficou sendo lugar-comum na historiografia desse

passara do nível dos discursos para o nível prático, depondo então Washington Luís e iniciando uma nova fase na política nacional.

O momento político do Rio Grande do Sul

Vale ressaltar que durante a década de 20, o Rio Grande do Sul forma uma aliança política reunindo nomes dos mais populares e ativos da política regional, membros de grupos políticos que disputaram entre si a hegemonia política no Estado agora se encontravam do mesmo lado, incrivelmente partidários do PRR (Partido Republicano Rio-grandense) e do PL (Partido Libertador) apoiavam o mesmo candidato na empreitada rumo à presidência da República.

A chamada "Frente Única Gaúcha" teve o poder de reunir nomes como Borges de Medeiros e Assis Brasil em torno do mesmo objetivo, mesmo possuindo entre si ideias divergentes. E é neste contexto que se desenvolve a trama política estadual que juntamente com o estado de Minas e da Paraíba iriam fazer frente ao governo federal.

Ainda enfatizando a aliança ocorrida no pampa gaúcho, o seu significado e a importância para a política regional, Rangel nos lembra que

> Para melhor compreensão, precisaremos voltar um pouco no tempo, mais precisamente ao ano de 1929, quando ocorreu a união entre PRR e PL na Frente Única Gaúcha (FUG). Com esse evento, alterava-se a conjuntura política regional, sem que houvesse uma ruptura significativa nas relações de poder estabelecidas entre os setores partidários sul-rio-grandenses, de tal forma que, sob a máscara da união patriótica dos antigos rivais, havia o rosto caricato das antigas permanências. (RANGEL, 2001, p.52)

Esta "união patriótica" citada fica evidente no processo de construção de uma identidade política unitária estadual, envolvendo pelo menos no nível dos discursos, todas as classes sociais rio-grandenses, utilizando uma linguagem universalista e de produção de conjunto, forjando uma união e um sentimento de conjunto político estadual. A Frente Única

---

acontecimento, não levando, portanto, em conta o conceito marxista de transformação das estruturas, o que aí não se aplicaria à Revolução de 1930 (2007, p. 57). O termo também é bastante difundido na época entre os meios de comunicação, os próprios protagonistas deste evento tratam o episódio como se tratando de uma revolução, e cunham o termo de "Revolução Redentora", enfatizando que o Brasil necessitava de uma reformulação política e social afim de que a democracia fosse realmente exercida nos mais diversos níveis.

e os políticos envolvidos neste processo iniciado antes de 1930, antes mesmo dos episódios que levariam a eclosão da Revolução obtiveram através da imprensa gaúcha um amplo espaço para divulgação das suas ideias e do programa político da aliança, os meios de comunicação de massa no Rio Grande do Sul tiveram papel fundamental na propagação dos acontecimentos políticos regionais e nacionais.

Como nunca antes houve e como jamais ocorreu novamente na história política do Rio Grande do Sul, a trama revolucionária e os políticos envolvidos nela estavam amparados e sustentados por uma das mais fortes e eficazes ferramentas na construção de opinião pública, a imprensa. O poder exercido pelos meios de comunicação e que foi lapidado ao longo do século XX é de tamanha importância para a análise que se propõe este artigo, tentar rever e recriar o ambiente no qual as ideias e os ideais políticos estavam convergindo para o que posteriormente deu-se como a Revolução de 30 e analisar a construção das representações do ocorrido, nas páginas da Revista do Globo.

A Revista do Globo como fonte de pesquisa

Criada em 1929 e destinada a dar um impulso às letras gaúchas e difundir a cultura através de suas páginas, a Revista do Globo tornou-se um referencial no campo das revistas modernas do início do século XX. Em suas páginas eram abordados temas como literatura, artes, moda, beleza, concursos femininos, esportes, sendo fonte de anúncios de produtos variados para o lar, cinema e política a revista conquista um espaço definitivo na vida social do estado gaúcho. Durante 38 anos este periódico foi um dos mais importantes veículos de difusão cultural sul-rio-grandense

O período que antecede os acontecimentos de outubro de 1930, já anteriormente citados, foi retratado em suas páginas de forma intensa e inclusive com direito há uma edição especial de 486 páginas organizado pela revista no ano de 1931.

Quando da sua criação em 1929, a Revista do Globo, segundo seus editores visava a isenção política, procurava ficar de fora de qualquer disputa ideológica e inserir-se dentro de qualquer corrente política vigente dentro do estado gaúcho. Levando em consideração isto, a própria edição de lançamento traz uma mensagem de seu editor, Mansueto Bernardi dizendo que a revista

> Quer ser um órgão-centro de coordenação e mobilização de energias morais, para um fim superior de utilidade social. Fora de partidos e acima de partidos, nesta fase auspiciosa de apaziguamento das paixões, de audazes iniciativas públicas e particulares, de ventilação dos espíritos, de transmutação de valores, a Revista do Globo quer construir qualitativamente para o Rio Grande do Sul. (REVISTA DO GLOBO, 1929, p. 9)

Como vemos, a própria revista, através de seu editor confirma a ideia de não vincular-se a ideologias partidárias, de qualquer maneira, visando apenas o crescimento e a fomentação cultural do estado, divulgando em suas páginas tudo o que for necessário para alcançar tais objetivos.

Ainda sustentando a ideia de que a Revista do Globo situa-se fora do campo de jogo e atuação política, de forma a alcançar a isenção ideológica, outro autor encontra explicação e sustentação para isto, Dalmáz salienta que

> A Revista surgia, então, com objetivos audaciosos, pois visava a isenção política – o que a afastaria do jornalismo político partidário, ainda existente – e a abordagem de diversos assuntos, como temas sociais, políticos, econômicos e literários, de âmbito regional, nacional e até internacional. (DALMÁZ, 2002, p. 38)

Volto a lembrar que SOSA (2007) alerta para o fato de o movimento revolucionário de 1930 foi divulgado de forma “avassaladora” pela imprensa gaúcha, e também alerto para o fato de que a Revista do Globo cumpre este papel, e também divulga de forma bastante ampla não somente os acontecimentos de 1930, mas também realiza ampla cobertura dos políticos e preparativos da Frente Única para o levante, cede espaço em suas edições para publicações de cartas endereçadas as “povo do Rio Grande” compostas por personalidades políticas e algumas literárias do meio intelectual gaúcho e cumpre papel decisivo na construção da imagem do “líder” revolucionário Getúlio Vargas, utilizando as mais diversas técnicas, como a apologia aos “heróis” farroupilhas e a construção discursiva sobre as qualidades do movimento e de seu líder, construindo assim um discurso para a população leitora de unidade política e social sul-rio-grandense.

Levanto a questão sobre este processo de construção da imagem do movimento e do seu líder máximo Getúlio Vargas. Procuro trabalhar estas questões ao analisar a construção das representações que envolvem o episódio conhecido como a Revolução de 30, analisando as páginas da Revista dentro do período de sua criação, 1929 até a eclosão da Revolução Constitucionalista em 1932, e principalmente a edição especial que já anteriormente fora

citada. São estes elementos de pesquisa que constituem o norte deste trabalho, procurando levantar tais questões e se possível respondê-las de forma mais clara e objetiva possível, e também levantar mais questionamentos a respeito do período.

A criação do mito de 1930: A representação social nas páginas da Revista do Globo

Desde o primeiro número da Revista do Globo há um espaço destinado a textos, dos mais variados autores, onde o elemento regionalista e mítico, e para utilizar um termo destes mesmos autores, diferenciado do gaúcho, encontra-se presente. Textos como "À Margem do Regionalismo" de João Pinto da Silva, que se encontra no primeiro número do periódico, indicam uma superioridade gaúcha em relação ao restante dos outros povos, indicam características que são únicas e encontradas apenas neste povo do sul, tratando assim que citar alguns episódios como a Revolução Federalista, e tratar da figura do homem do campo como um elemento ativo e fundamental na estrutura social. Em passagem descritiva do gaúcho e das representações acerca deste, o autor do texto, João Pinto da Silva, indica que

> Vestido à européia, a pé ou a cavalo, derrubando touros ou estendendo aramados, ouvindo as óperas de Colon, de Buenos Aires, por intermédio do rádio, em vez da ancestral cordiona, o que dá fisionomia histórica ao gaúcho, o seu vinco de diferenciação, em suma, é a franqueza, nas atitudes e nas palavras, o narcisismo, a bravura quichotesca, a instantaneidade impulsiva das resoluções, a veemente vocação cívica, a altaneria, o bom humor, mesclado a irreprimíveis explosões sentimentais e fatalistas. Tais virtudes e defeitos constituem o fundo permanente, imutável, do seu caráter. Por isso, não variam com as condições materiais, ou morais, de vida. Exprimem uma postura ideal e típica de alma. São os traços distintivos da estirpe. Esses defeitos e virtudes identificam, soldam, espiritualmente através do tempo, o gaúcho de ontem ao de hoje. (REVISTA DO GLOBO, 1929, n. 1, p. 32)

Fica mais do que evidente que já em fins dos anos 20 do século XX a figura do gaúcho torna-se o elemento aglutinador da sociedade sul-rio-grandense, elemento este que seria muito mais explorado através dos outros números do periódico, seja através de textos ou mesmo das capas que fizeram alusão aos "heróis do passado" e aos "heróis do futuro" encarnados nas figuras centrais da Frente Única gaúcha.

Muitos outros textos e muitos outros discursos prepararam o sentimento "gaúcho" em torno dos políticos que representam a Frente Única e uniam-se com políticos de outros

estados na Aliança Liberal. O regionalismo foi importante nesta fase da construção das ideologias políticas sulinas e na construção do imaginário social, através dos meios de comunicação de massa.

A figura de Getúlio Vargas também recebe tratamento especial nas páginas do periódico. No texto "O gaúcho em marcha" de Assis Chateaubriand a figura do ex-presidente do estado e candidato à presidência da República é venerada e lapidada junto ao público leitor, de forma que o "gauchismo" torne-se novamente o elemento unificador e que fique evidente que este representante possui todos os "valores" que o gaúcho possui e que óbvio, seriam necessários para presidir a República do Brasil. Em um trecho do texto fica evidente esta ideia, através das palavras de Assis Chateaubriand

> A obra política do sucessor do Sr. Borges de Medeiros atravessou, por muitos sentidos, o âmbito das fronteiras gaúchas para se impor à nação como uma das páginas mais nítidas e mais belas que ilustram os anais do regime. Engana-se quem pensar que o esforço incomparável que o Sr. Getúlio Vargas tem desenvolvido seja a expressão da vontade de um indivíduo, por mais puras, por mais desinteressadas, que sejam as suas intenções de governo. Na realidade, o que o Sr. Getúlio Vargas realiza neste momento é a tarefa de um totalizador dos valores gaúchos. Ele é o símbolo da própria alma cavalheiresca, sonhadora do homem a quem a vida autônoma do pampa esmaltou das virtudes heróicas do soldado e do santo. (REVISTA DO GLOBO, 1929, n. 5, p. 14)

Então se cria até mesmo uma aura de santidade nos atos que Getúlio Vargas e a Frente Única realizam, e, segundo os autores dos textos, pelo bem do Rio Grande e pelo bem do Brasil, pois todos estes "homens honrados" estão carregando consigo os ideais gaúchos e a alma do pampa. Vale citar que em meio às palavras de Assis Chateaubriand encontra-se uma foto mítica de Getúlio Vargas montando um cavalo, com um ar de quem "vislumbra o futuro glorioso da nação", num dos vários momentos que ajudariam a construir a imagem popular deste político junto ao povo. Lindolfo Collor também figura com um texto intitulado "Terra do Rio Grande", onde cita as grandes façanhas rio-grandenses e fala a respeito dos ideais e do heroísmo de 35, em alusão a Revolução Farroupilha ocorrida na primeira metade do século XIX.

"Evolução e Revolução" texto de Augusto Meyer, também cita a Frente Única que ocorria no Rio Grande do Sul como um exemplo da grandiosidade de Getúlio Vargas em conseguir reunir sob a mesma bandeira todos os políticos que outrora foram de facções partidárias diferentes, e que neste momento uniam-se em prol de uma "evolução" da política nacional. Em 1929, o número 18 da Revista do Globo também traz em suas páginas, mas

precisamente nas de número 26 e 27, um discurso do candidato Getúlio Vargas, onde este se apresenta ao povo do Rio Grande do Sul e do Brasil como o único candidato capaz se mudar os rumos e o estilo da política nacional, e também acaba por detalhar o plano de governo da Aliança Liberal. Um texto de autor desconhecido também deixa clara a importância que a Frente Única obtém nos discursos que antecedem as eleições de março de 1930, segundo o autor do texto, "A Frente Única, que soube apresentar ao Brasil, para a vitória do programa da Aliança Liberal, é o mais belo prodígio do civismo rio-grandense e uma das páginas mais altas nas crônicas do patriotismo brasileiro". (REVISTA DO GLOBO, 1929, n. 29, p. 5).

Durante o processo de formação da Frente Única e da Aliança Liberal, a Revista do Globo acompanha de forma maciça os principais nomes do cenário político regional e nacional. São inúmeras as fotografias onde se mostra o "entrosamento" entre estas figuras políticas, são inúmeras as capas do periódico que retratam os "antigos heróis" rio-grandenses e os que estão prestes a tornarem-se heróis também. A Revista do Globo chega a organizar um concurso visando os resultados da eleição presidencial de 1930, distribuindo prêmios para aqueles leitores que conseguissem chegar mais perto do número de votos que a dobradinha Vargas/Pessoa iria conseguir.

Antes de o movimento revolucionário entrar em prática através da luta armada, saindo do campo dos discursos para o campo político-militar, o periódico então trata de atender aos apelos políticos individuais das personalidades envolvidas, e trata de juntamente com textos e fotografias criar o "sentido" do movimento, representando a política gaúcha como única e diferenciada, capaz de resolver através da Frente Única e do programa da Aliança Liberal todos os males nacionais.

A Revista do Globo chegou a publicar em sua edição especial da Revolução de 30, fotos lado a lado dos maiores inimigos políticos que o Rio Grande do Sul já vira até então, Júlio de Castilhos e Borges de Medeiros juntamente com Gaspar Silveira Martins e Assis Brasil, tudo isto em prol da união que se pregou através dos discursos políticos e dos quais se utilizaram os meios de comunicação para divulgarem o momento de "união sagrada" no qual o estado encontrava-se. A Frente Única encontrou espaço nas páginas da Revista do Globo para conquistar o apoio popular necessário para o projeto de um Rio Grande homogêneo.

A sua edição especial, datada de 1931, representa um dos mais importantes documentos produzidos pela indústria midiática gaúcha da primeira metade do século XX. Como fonte para pesquisa, iconologicamente falando, este especial representa um dos mais valiosos documentos de um período já tratado, dentro da historiografia de forma exaustiva,

mas que necessita de um amplo estudo no campo de como se deu a construção do zeitgeist gaúcho através dos meios de comunicação. Sua própria capa, onde mostra o exército revolucionário marchando rumo ao Rio de Janeiro juntamente com o povo, que o saúda, demonstra este espírito do tempo que se organizava nos discursos dos intelectuais e que se fortalecia e tomava posição de verdade absoluta por parte da população. O espírito aguerrido e honrado do espécime sul-rio-grandense estava bem encaminhado e somente seria necessário lapidá-lo nos anos seguintes.

Além das figuras já anteriormente citadas, a exploração de outras figuras políticas importantes tem continuidade no especial, algumas em lugar de destaque, como no caso de João Pessoa, candidato assassinado meses antes da revolta. Sendo tratado pela revista como mártir, este político abre as páginas da edição especial recebendo uma homenagem digna dos maiores nomes da história nacional, um verdadeiro exemplo a ser seguido, ou não. Segundo a própria Revista do Globo, a explicação para esta edição especial se dá pelo fato de que

> A Revista do Globo, quando foi da memorável campanha liberal que se iniciou esplendidamente em 1929, pôs-se logo incondicionalmente a serviço da causa justa. Em suas páginas iniciou uma intensa propaganda em prol da candidatura Getúlio Vargas – João Pessoa. Nos angustiosos dias de Outubro, quando os legionários gaúchos partiam para a frente de batalha, as páginas deste quinzenário se encheram de fotografias que focaram esses aspectos gloriosos. E tínhamos sempre para os que partiam palavras de incitamento e de esperança. O dia da vitória nos veio encontrar na mesma atitude inequívoca e decidida. Lançando à publicidade esta monografia – obedecendo ao nosso programa cultural – cumprimos também um dever de patriotismo. (REVISTA DO GLOBO, 1931, n. 64, p. 5)

Pois bem, imaginem que este seja o motivo real, então me questiono sobre a posição “acima de partidos políticos” assumida pela revista através de seus editores, quando de sua criação. Na realidade a Revista do Globo trabalhou juntamente, como fica evidentemente claro, pelas suas próprias palavras, com a Revolução de 30, dando sustentação ideológica e construindo um discurso representativo junto aos seus leitores, alimentando assim a “união sagrada”, palavras é poder, e os meios de comunicação gaúchos, especialmente a Revista do Globo, entenderam isto rapidamente e tratou de unir-se aos políticos gaúchos em evidência.

Ao longo do restante das páginas do especial, o periódico trata de primeiro dar ao leitor uma recapitulação sobre os eventos políticos estaduais, e os que a nível nacional formaram este momento, todos os eventos são descritos como se o caminho para a Revolução estivesse “naturalmente nas veias” sul-rio-grandenses. Passando por todas as personalidades

anteriormente exploradas desde 1929 como uma espécie de "panteão" dos deuses a revista encaminha-se para registrar os acontecimentos de Outubro de 1930 através das cidades gaúchas, de forma intensa e extensa, com farta documentação a Revista do Globo organiza uma das mais volumosas e diferenciadas fontes de consulta sobre a Revolução de 1930. Com o título de "Preliminares" e uma foto de João Pessoa morto, a Revista do Globo inicia sua cobertura, em nível estadual e nacional sobre os acontecimentos de 1930.

São 486 páginas de descrições detalhadas dos episódios, segundo termo da própria revista, dignos de descrição, onde o material é imenso e intenso, como anteriormente já fora citado. O especial encerra-se com hinos e canções de marcha dos revolucionários de 30, e como não podia ser diferente, os temas das canções e hinos são as personalidades políticas mais importantes do movimento de revolta, encerrando com partituras das canções e com uma mensagem explicando a forma cronológica da apresentação do especial, a Revista do Globo encerra um dos mais ricos documentos para consulta e pesquisa sobre a Revolução de 30.

Considerações finais

Das questões que foram levantadas, conclui-se que o prometido pela Revista do Globo quanto a sua neutralidade em relação à ideologia política estadual não foi cumprido, pois a abundância do material e conteúdo dos discursos veiculados no periódico indica que, houve uma aproximação do periódico com a Frente Única Gaúcha e com a Aliança Liberal, seus intelectuais enalteceram as figuras em evidência política no estado, e criaram uma aura de santidade no movimento, utilizando o fator regional e mítico do gaúcho como elemento aglutinador social e político do Rio Grande do Sul, nas palavras que desfilaram nas páginas da revista entre os anos de 1929 e 1932, o regionalismo, e a figura do gaúcho foram de extrema importância na construção da representação social e na memória coletiva sul-rio-grandense.

E tornando-se figura central de todo o movimento, Getúlio Vargas dá os primeiros passos rumo à prática política que iria ficar conhecida como populismo, foi o grande ícone do movimento e representou na sua figura, construída e lapidada pelas páginas da Revista do Globo, todo o fervor revolucionário e toda a honra política gaúcha. O modo como foi representado nas paginas do periódico não deixa dúvida de que foi extremamente importante e trabalhada a sua figura junto aos meios de comunicação da época. A Revista do Globo se propôs a ser um veículo da cultura gaúcha, e acabou tornando-se mais do que isso, tornou-se

um espaço, um elo entre Vargas, Frente Única, Aliança Liberal e o povo gaúcho. Contribuiu assim para criar um espaço regional onde pôde-se acompanhar o início de um processo que culminaria no Estado Novo (1937 – 1945) com a criação do DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda) e a utilização da imagem de Getúlio Vargas como o grande líder carismático. Para tanto é na sociedade e nos discursos de identidade coletiva o palco principal de desfile destes mitos políticos, lugar este que os mesmos consolidam e legitimam seu *status* de representantes máximos da nação, fundindo-se ao imaginário social coletivo. Segundo Baczko

> É assim que, através dos seus imaginários sociais, uma colectividade designa a sua identidade; elabora uma certa representação de si; estabelece a distribuição dos papéis e das posições sociais; exprime e impõe crenças comuns; constrói uma espécie de código de "bom comportamento", designadamente através da instalação de modelos formadores tais como o do "chefe", o "bom súbdito", o "guerreiro corajoso", etc. Assim é produzida, em especial, uma representação global e totalizante da sociedade como uma "ordem" em que cada elemento encontra o seu "lugar", a sua identidade e a sua razão de ser (BACZKO, 1985, P. 309)

Assim os meios de comunicação, como o exemplo da Revista do Globo, através da utilização das mais diversas ferramentas, como imagens e textos, permitem que se destaquem os discursos políticos e permitem acima de tudo a circulação dos grupos dirigentes e de seus respectivos ideais pelas suas páginas, e permitem desta maneira que a sociedade se veja representada em suas mais diversas características.

Referências Bibliográficas

BACZKO, Bronislaw. Imaginação social. In: ROMANO, Ruggiero (org). *Enciclopédia Einaudi*. Lisboa: Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 1985.

CHARTIER, Roger. O Mundo como Representação**.** In: *Estudos Avançados*. São Paulo, USP, n. 5, v. 11, Jan-abr. 1991.

DALMÁZ, Mateus. *A imagem do Terceiro Reich na Revista do Globo (1933-1945).* Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002. 314 p.: il. (Coleção História; 48)

REMEDI, José M.R. Palavras de Honra: Um estudo acerca da honorabilidade na sociedade sul-rio-grandense do século XIX, a partir dos romances de Caldre e Fião**.** *Tese de Doutorado apresentada ao Departamento de História da Universidade do Vale do Rio dos Sinos*, São Leopoldo, 2011.

RANGEL, Carlos Roberto da Rosa. *Crime e castigo*: conflitos políticos no Rio Grande do Sul (1928 – 1938)**.** Passo Fundo, UPF, 2001.

SKIDMORE, Thomas E. *Brasil*: De Getúlio Vargas a Castelo Branco (1930 – 1964). 5ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

SOSA, Derocina Alves Campos. *A História Política do Brasil (1930 – 1934) sob a ótica da imprensa gaúcha.* Rio Grande: FURG, 2007. Coleção Pensar a História Sul-Rio-Grandense, vol. 39.

ARQUIVOS E CENTROS DE DOCUMENTAÇÃO CONSULTADOS

Centro de Documentação e Memória – CEDOC/ UNISC

DELFOS – Espaço de Documentação e Memória Cultural - PUC-RS

Museu de Comunicação Social Hipólito da Costa

REVISTA DO GLOBO